



INFORMATIVO

O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

470 anos do 2º Governo Geral do Brasil com Duarte da costa - 460 anos do Armistício de Iperoígue - 400 anos do início da penetração de Bento Parente, Pedro Teixeira e Luis Aranha pelo rio Amazonas e fundação dos fortes de Desterro e Gurupá - 380 anos da criação do Conselho Ultramarino em Portugal - 320 anos do Tratado de Methuen - 270 anos do início da construção do Forte Jesus Maria José de Rio Pardo - 260 anos da elevação do Brasil a Vice-Reino - 220 anos do nascimento de Luiz Alves de Lima e Silva - 200 anos das vitórias nas guerras de independência (BA, MA, PI, PA e Cisplatina) - 180 anos do início das operações de Caxias contra a Revolução Farroupilha - 170 anos do rompimento das relações diplomáticas com a Inglaterra em função da Questão Christie - 120 anos da ocupação do Acre pelo Brasil - 100 anos da Revolução de 1923 no RS - 80 anos da criação da FEB - 50 anos do Acordo de Itaipu com o Paraguai

ANO 2023

Dezembro

Nº 443

O Combatente Brasileiro na Itália

[Pesquisa realizada pela ECEME em 1962 (então subordinada ao EME)]

A citada pesquisa, decorridos 17 anos da participação da FEB, foi baseada na pesquisa de 45 obras escritas sobre o assunto e em mais de 20 depoimentos de veteranos da FEB. Ela finaliza declarando:

“que todos os fatores de crítica histórica abordados, tiveram grande influência no procedimento dos integrantes da FEB, parecendo ser indispensável a sua desapassionada crítica histórica para se prever, o tanto quanto for possível, o procedimento de tropas do Brasil no futuro, em operações de guerra e, por via de consequência, incorporar os subsídios relevantes na instrução dos quadros e no desenvolvimento da Doutrina Militar Terrestre Brasileira”.

Palavras iniciais do Grupo Coordenador da Pesquisa

Não seria justo iniciar este relatório sem ressaltar, brevemente, a natureza e a extensão do esforço dispendido pelos diferentes grupos de trabalho encarregados de proceder à Pesquisa dentro da metodologia aconselhada. O bom resultado alcançado patenteia bem o mérito da ação.

Também se impõe assinalar o espírito de colaboração que permitiu ao Grupo Coordenador, sem medir sacrifícios, sem limitar o seu interesse, assistir permanentemente aos Grupos de Trabalho, sugerindo medidas, obtendo meios e estabelecendo as necessárias ligações.

Ensinamentos colhidos

Quanto aos muitos ensinamentos colhidos, parece-nos vantajoso dar destaque aos que se seguem:

- 1) No que tange à Aplicação do Método, se faz indicado proceder a um exame prévio das exigências e imposições do método, e treinamento na sua aplicação, de modo a dissipar dúvidas e padronizar o procedimento.
- 2) No que se refere ao Assunto Pesquisado, se mostra indispensável uma análise antecipada da matéria que é objeto da pesquisa, de modo a reduzir as possíveis discordâncias de conceituação e tornar mais precisa a interpretação dos termos técnicos que são peculiares à Estatística, à Psicologia individual, à Política, à Economia e a outras tantas Ciências Sociais.
- 3) No que se refere ao Objeto de Pesquisa, impõe-se um estudo prévio e bem orientado pelos promotores da pesquisa, de modo a deixar sem dúvida a "interpretação da missão", único modo de assegurar coerência nas atividades de busca, de análise, de confronto e de relacionamento.
- 4) No que diz respeito à Seleção de Fontes, julgamos que não podem ser dispensadas fontes valiosas, sem prejuízo de exatidão da pesquisa. No caso, se impunha levar em conta que testemunhas dos fatos, ainda vivas, estavam em condições de prestar depoimento. Suas declarações, sem fins de publicidade, contavam com a vantagem de examinar os fatos sem o calor das emoções recentes, e sem as distorções naturais consequentes.

Foram pesquisadas 45 obras escritas e colhidos mais de 20 depoimentos de integrantes da FEB, dos quais alguns não tiveram suas palavras documentadas por escrito.

Efeitos das condições de combate sobre as disposições, emoções e sentimentos do combatente

Não se evidencia grande participação das condições de combate sobre o espírito de iniciativa. É certo que, à noite, muitos soldados mostravam-se inibidos, especialmente no início da Campanha. Esse espírito de iniciativa refletiu bem outras condições, distintas das que caracterizavam o combate.

A tolerância dos chefes, a despreocupação dos homens quanto às decisões dos escalões superiores, o acentuado individualismo e também a necessidade da autodefesa, somadas aos propósitos de autovalorização, integraram-se, moldando, em média, uma conduta cheia de iniciativa que se alterava, porém, em face de circunstâncias novas.

Coragem e bravura terão tido mais ocasião de se revelar no combate ofensivo e nas ações durante o dia. Foram, porém, normais nos combatentes, cabendo-nos lembrar que muitos dos atos assinalados pelas citações de combate, pelas medalhas e condecorações, não passaram de atos de rotina, enquanto que outras tantas ações importantes foram insuficientemente traduzidas em seu mérito. Não poucos terão sido os gestos de extrema bravura e os atos de destemor que permaneceram ignorados.

Covardia, medo e pânico, tiveram lugar, também. A Defensiva propiciou atos de covardia, mas mesmo em ações ofensivas, o medo se manifestou em alguns homens, conduzindo-os à insubordinação e ao abandono de funções. O pânico ocorreu em condições de combate onde a surpresa marcou as ações. Não pode ser, no entanto, bem caracterizada a importância relativa dessas condições de combate.

O Espírito de Sacrifício não sofreu tanto a influência das condições de combate, quanto os fatores psicossociais e das características da organização militar. Os combatentes suportaram relativamente bem as dores físicas e morais e as tensões emocionais.

Já o Espírito Ofensivo e Defensivo, interpretado não como agressividade ou falta de agressividade, mas como adaptação às exigências do combate, foi nitidamente influenciado pelas condições de que se revestiam as operações.

Quando o inimigo retraía, a tropa era tomada por natural impulsividade. Em face de contra-ataques, as reações foram da busca de proteção e de organização defensiva.

O inverno favoreceu a uma disposição de espírito para a Defensiva. As noites faziam o combatente sentir-se sem disposição para ações ofensivas. As dificuldades decorrentes da neveda criavam mais identificação com ações defensivas.

A tropa brasileira chegou à Itália sem estar bem desembaraçada em receber, interpretar e cumprir as ordens. Era presa de condicionamentos afetivos, não dispensando atenção regular aos princípios hierárquicos; reconhecia autoridade até o escalão pelotão, do qual sentia direta e imediata dependência.

As condições de combate modificaram tais características, agravando as duas últimas e abrandando a primeira. Nas ações defensivas do inverno, a manutenção de disciplina encontrou sérias dificuldades. Nos Centros de Recompimento, a disciplina foi um prolongamento do estado de espírito da tropa, revelado quando ainda no Brasil.

Sobre tal tropa as normas disciplinadas moderadas surtiam algum efeito positivo. A experiência de guerra, impondo uma grande aproximação da morte, gerou, ao mesmo tempo, condições de extremo despreço à vida e de exagerado apego a ela. Tais tendências, em um ou noutro sentido, provocaram reações que variavam entre o pavor e a ousadia. Numa larga faixa distribuíram-se as emoções e as disposições dos combatentes, influenciando de modo díspar sobre a disposição de acatamento as ordens, de subordinação hierárquica ou de atendimento aos regulamentos.

Os brasileiros ter-se-ão portado de um modo que correspondia as reações normais de qualquer ser humano submetido àquelas contingências. É certo que a disciplina intelectual foi melhor testada entre oficiais que no âmbito das praças. Incompreensões e insucessos nessa área resultaram, algumas vezes, da insuficiência de treinamento e da falta de instrução.

As demonstrações de disciplina foram relaxadas. A obediência aos chefes diretos significou menos a afirmação de um bom nível disciplinar do que a prevalência de aspirações afetivas ou de interesses pessoais, que se personalizavam naquele chefe e não em outro qualquer.

Conduz-nos a Pesquisa a convicção de que a liderança na Força Expedicionária Brasileira, de um modo geral, mesmo no que tange aos chefes imediatos, resultou muito de certas contingências de combate. Exceto no que diz respeito à ligação direta entre os pelotões e os seus tenentes, toda a cadeia de comando se ressentiu de uma falta de sistematização prévia, antecipada e consolidada.

A noção de cumprimento do dever, em muitos casos, compensou as insuficiências de liderança. Em grande parte, graças a isso, a disciplina foi mantida. Não se deve esquecer, sob tal aspecto, a importância dos fatores psicossociais e logísticos.

Após a cessação das hostilidades, mas ainda em território europeu, foi extremamente flagrante a falta de atenção aos laços hierárquicos. A qualidade dos chefes, bem testada nas operações, viu-se marcada por uma formação inadequada, que bem se acentuou diante das dificuldades de emprego da tropa. Alguns comandantes, não obstante, revelaram-se particularmente hábeis na condução de seus subordinados. As normas rígidas não tiveram bom campo de aplicação. Alguns chefes mostraram-se desatentos aos seus deveres como condutores de homens, e esqueceram serem esses homens dotados de sensibilidade, de imaginação, de aspirações e de esperanças, limitando-se ao desempenho operacional frio ou ao papel tático ou administrativo seco. A parcela de chefes espiritualmente ausentes foi expressiva.

A resistência física do soldado não se revelou maior ou menor em algumas dadas condições de combate. Fez ele face ao frio com a mesma normalidade com que suportou o combate em localidades ou em regiões montanhosas.

O combatente, selecionado não estava suficientemente prevenido sobre as provações físicas a que foi submetido. A sua rusticidade, refletindo condições de vida no Brasil, essa sim, o terá tornado apto à rápida aclimação e à satisfatória ambientação havidas na Itália.

A resistência física, de que era dotado, não lhe assegurava, porém, uma capacidade de durar ou de realizar esforços mais violentos. As condições biotípicas eram precárias e não deram lugar a reações especiais, peculiares a algum tipo de operação militar.

O Espírito de Corpo existiu bem nos escalões mais baixos e isso resultou das próprias condições em que se realizavam os combates. No entanto percebeu-se um certo desejo associativo, que dava ensejo à criação de grupamentos diferenciados. É fato notório, que os integrantes da FEB sentiram-se como que pertencendo a um Exército diferente daquele que ficara no Brasil, e com alguma razão.

Na Itália, os que estavam na linha de frente, valorizavam-se, apelidando aqueles que ficassem nos escalões de reservas de "Saco B". E com justificado orgulho. Contudo não chegou a ser criado satisfatoriamente o espírito de corpo dentro as unidades. Houve é certo, alguma emulação desse espírito de corpo com a rivalidade natural entre os RI. Mas isso não avançou muito além do domínio das palavras.

A rudeza das condições de combate, resultante da agressividade do clima, das formas abruptas dos terrenos (serras e montanhas), da excelência das posições inimigas, da experiência das tropas adversárias, criou e fortaleceu laços de afeto entre os homens. Assistiram-se a provas eloquentes, conquanto paradoxalmente silenciosas, de uma grande estima que prevaleceu entre os brasileiros.

Não foram, de um modo particular, evidenciadas maiores ou menores influências dessas ou daquelas condições de combate. Parece que falhas, erros, omissões enganos e vícios ocorridos desde a seleção do pessoal para a FEB, e prolongados durante a organização da FEB e durante sua instrução, preparação, execução do embarque e viagem, estenderam-se à Itália, repercutindo nas relações entre chefes e subordinados, dificultando o seu entendimento e prejudicando o surgimento da necessária estima recíproca.

A afeição aos pares, tão pouco justificada durante a preparação para o combate, surgiu e se afirmou decididamente durante a campanha. Pequenas rivalidades, atritos maiores ou mesmo significativos conflitos, foram ultrapassados pela necessidade de união em face de um inimigo real e comum. Homens, antes desconhecidos e afastados, identificaram-se na dor, nas esperanças e no apoio recíproco. A camaradagem foi forjada na guerra. Em operações ofensivas, em ações noturnas e principalmente em patrulhas, a camaradagem foi consolidada.

Sob os influxos predominantes da necessidade de autodefesa os soldados brasileiros reagiram diversamente, ora revelando acentuada preocupação consigo mesmo, ora grupando-se, associando-se e partilhando de prazeres ou de dores, de encargos e distrações.

Não pode ser bem definido o modo como as características de combate atuaram sobre o instinto grupal. Sentimos, apenas, que houve uma influência dissociadora na Defensiva e na Perseguição. Vimos que as ações noturnas impuseram certa aproximação entre os homens e que os combates em localidades eram naturalmente separadores.

Fatores morais, éticos ou circunstanciais

Ficou evidenciado amplamente que a conduta dos combatentes sofreu influência particular de fatores de ordem moral, ética ou circunstancial. Merecem destaque, como fatores:

- o hábito de autodefesa;
- a religiosidade, (temor do desconhecido, consolo pela assistência de sacerdotes, misticismo, divinização de tudo aquilo que foi admitido como irretorquível ou insuperável);
- a bondade, a piedade, o afeto aos semelhantes;
- a carência de ideal coletivo;
- o pouco hábito de respeito aos chefes e as sanções disciplinares, de acatamento às ordens, de veneração, e o pequeno crédito concedido as normas regulamentares;

- a necessidade de proteção e amparo (encontrados nos chefes imediatos até o tenente comandante de pelotão, nos sacerdotes, no serviço de saúde, na presença próxima de outro combatente e na impressão de poder ver o inimigo, graças a claridade do dia.

Um ideal coletivo, global e uniforme não estava presente nas tropas brasileiras

Cada militar tinha um ideal próprio. Suas pretensões, na maioria das vezes, eram nitidamente influenciadas pelo Egoísmo de uma formação individualista. O esforço de catequese, desenvolvido na campanha, foi facilitado pela sensação de euforia, proporcionada pela promoção social, pelo aumento de prestígio e pelo abandono de muitos preconceitos deprimentes. Moldaram-se ideais, nos combatentes, pela guerra. Mas não foram tais ideais que deram forma à conduta desses combatentes na guerra.

Ideais democráticos, ideais de liberdade, de comunhão, de fraternidade, não emularam os combatentes, conquanto até certo ponto tenham tomado conta deles após a campanha.

Nem uma só Religião, ou um só Mito, ou uma só Crença, ou um só Dogma, ou uma só Doutrina Política e Social, um único propósito Conservador ou Renovador, ou uma exclusiva Esperança, foi sustentáculo ou suporte das intervenções da média dos combatentes brasileiros.

O exemplo dos chefes teve particular importância nos escalões mais baixos da hierarquia. Ele mesmo perdeu valor, dadas as condições da campanha, para os comandantes maiores. No quadro global de comportamento das praças não paira dúvidas sobre a importância desse exemplo de chefes, que, juntando-se a outros fatores, chegou a dar feições especiais à conduta de alguns grupos.

Em geral, os chefes não estavam homoganeamente preparados, ressentindo-se das características defeituosas de um recrutamento, que não obedeceu a critérios justos, bem definidos, ou bem seguidos e permanentes.

Os oficiais da ativa, voluntários eram, alguns, meros carreiristas, sem maiores ideais que o de fazer nome, ganhar prestígio ou juntar dinheiro. Outros, sonhadores, idealistas, pretendiam pagar tributo à Pátria de quem recebiam soldo. Terceiros, passivamente submeteram-se ao cumprimento de ordens. Em combate, porém, eram outros os estímulos que mais fortemente inspiravam as ações de cada um.

Incitações de natureza hormonal, metabólica, vibrações de ordem sensorial, psicomotora e fundamentos morais tiveram seu papel na configuração do comportamento dos chefes. O copismo (imitação) como uma componente ética ou social, também influenciou grandemente. O isolamento e a escuridão mostraram-se como circunstâncias de largo efeito negativo sobre a eficiência em combate.

A religião não era um componente decisivo da personalidade dos combatentes brasileiros. Lá na Itália, recebendo expressivo amparo espiritual e muita assistência religiosa, alguns dos combatentes, que se viam submetidos a tantas privações diferentes daquelas com as quais já estavam habituados, encontraram na religião um estímulo eficaz para suas ações. O temor da "morte" e o temor do "depois da morte" eram bem justificados pela ruidosa presença dos instrumentos de destruição.

Fatores psicossociais

O meio psico-social em que se encontravam os combatentes brasileiros na Campanha da Itália, era definido:
I) No quadro militar, por um Exército enquadrante, organizado, bem suprido, mas com hábitos diferentes, normas regulamentares novas onde se prestava uma grande consideração aos subordinados, ao seu conforto e à sua vida, de modo todo invulgar para os brasileiros; e onde se premiava e se aplicavam castigos com regularidade e com presteza, sem frequentes distinções por favores ou por prevenções;

2) No quadro territorial, por uma população vencida, dominada, submissa, desagregada, desmoralizada, com as reações e a emotividade comparáveis às dos brasileiros, por uma sociedade corrompida, pelo insucesso de guerra, envilecida pela carência de ideais e torturada pela fome e pelo desemprego. Dentro da população italiana havia parentes próximos de brasileiros. A índole do povo e certos costumes eram bem próximos aos das tropas vindas de São Paulo. Isso tudo incrementava o desejo de dar combate aos alemães e amenizava os sofrimentos reservados aos militares brasileiros.

Os principais fatores de natureza psicossocial encontrados nesse ambiente geral foram os que se seguem:

1) A mudança de atitude interna –Solidarização. A desvinculação dos homens entre si, verificada inicialmente, foi modificada pelo surgimento de fortes ligações internas, impostas pelas dificuldades do novo meio psicossocial, que a Itália representava e que também representava a inclusão num Exército onde se falava língua diferente e eram adquiridos hábitos novos. Essa mudança de atitude interna no meio militar teve fortes repercussões durante toda a campanha, criando moral elevado e espírito de corpo, favorecendo a disciplina, a camaradagem e a afeição recíproca.

2) Promoção social. Aqueles brasileiros anônimos, esquecidos, antes desassistidos e desamparados, agora são alvo de interesses de toda a sorte. Recebem cuidados médicos nunca vistos dantes, alimentação jamais provada ou sugada, dinheiro farto, roupa bastante, equipamento e utensílios diversos sem dificuldade, assistência religiosa, e gozam de diversões e passatempos nas horas de lazer. Essa promoção valeu um estímulo inconsciente à generosidade, ao desprendimento, ao destemor, ao bom humor e a eficiência no combate.

3) Prestígio. Sentiam-se, os soldados, alvo de preocupações do Povo Brasileiro. Uma tropa até então sem motivo particular de orgulho ou de vaidade, via-se objeto de cuidados pela imprensa, de atenções pelas madrinhas de guerra, de desvelo pelos familiares e pelos concidadãos, de preocupações dos superiores e de amparo e de proteção de todos. Os soldados brasileiros sentiam-se, numa terra estranha, tratados com respeito por aquela gente, que era de um país milenar e de uma cultura antiga, foram tratados como libertadores aqui, como senhores acolá, como fortes, como heróis, como ricos, como poderosos.

Fizeram frente a homens treinados e equipados pelas poderosíssimas Nações do Eixo e ombreavam com americanos, franceses e ingleses; e recebiam tratamento similar ao dos soldados das nações Aliadas, ricas, poderosas e influentes. Isso tudo reforçava, em alguns homens, não apenas a bravura, como ainda mais a resistência moral e o desejo de imitar os padrões de combate norte-americanos.

4) Mudança de preconceitos. Novos juízos conquistaram os soldados brasileiros. Ideias originais eram recolhidas sem espanto e passaram a dominar no campo político, no campo moral e no campo social. Até que ponto e por que motivo prevaleceram em alguns homens certos conceitos, enquanto noutros combatentes foram juízos diferentes os de maior afirmação, não nos foi dado concluir. Contudo, ficou bem constatada a importância dos preconceitos, seja no trato com a população italiana, seja no trato com os prisioneiros de guerra, ou com os militares norte-americanos. Preconceitos religiosos, políticos ou morais foram explorados e inculcados sob a forma de dogmas ou doutrinas, servindo de estímulo às ações militares.

O novo estilo de vida, reservado aos brasileiros na Itália, era expresso por:

- uma situação real de combate;
- um risco de vida, se não permanente, pelo menos frequente e impressionante;
- uma necessidade imediata para salvar-se, bem como de execução oportuna para proteger ou vingar, intervenção rápida para salvar ou defender;
- um clima original, estranho e hostil;
- uma imposição de atitudes e gestos contrários aos costumes e aos gostos e tradições do povo brasileiro;
- um meio militar original, com armamentos diferentes, uniformes e equipamentos estranhos, chefes e instrutores estrangeiros;

- uma reavaliação de princípios éticos e morais, desde aqueles concernentes às mais comezinhas;
- práticas diárias (a da defecção, por exemplo) até os que implicavam em doutrina política (como o louvor da democracia e a denúncia do totalitarismo);
- uma inserção num quadro social cheio de originalidades enquanto com grandes aproximações do meio brasileiro, dotado de uma cultura própria e castigado pela guerra em todos os seus horrores;
- uma saudade, uma impressão de afastamento do povo brasileiro; e
- uma desusada assistência individual, um conforto inesperado nas horas de lazer.

Esse novo estilo de vida trouxe, junto com a estupefação, uma sensação de euforia, de surpresa alegre, que predispunha a boa aceitação de todos os sacrifícios impostos pela guerra. Tudo significava em resumo e em conjunto, uma promoção social. Os brasileiros sentiam-se alvo de cuidados nunca dantes merecidos ou desfrutados, sentiam-se objeto de atenções nunca anteriormente desfrutadas, recebiam provas de afeto, de consideração e de acatamento de concidadãos de além-mar, a quem jamais importaram. Notavam-se possuidores de um prestígio no ambiente italiano, que lhes criava uma sensação de superioridade, de domínio, de autoridade ou, pelo menos, de valor pessoal, que não tinham podido, até então, conhecer. O emparelhar-se a combatentes norte-americanos, a quem substituíam e por quem eram substituídos, valia o que se pode dizer uma promoção internacional.

O nível de vencimentos dotava-os de um poder aquisitivo sensivelmente alto, realçando sua superioridade em relação ao povo italiano, que esmolava migalhas, vendia carinhos e suplicava atenções. O gozo de uma tal situação de privilégio significava uma grande ascensão para os minúsculos homens de outrora, que passavam a ter projeção internacional, a serem conhecidos e serem comentados por agentes estrangeiros, respeitados e acatados por outros povos. A tudo se somava o natural orgulho de estarem combatendo e vencendo um inimigo que antes se fizera muito temido, mas que logo se mostrara inferiorizado diante do potencial militar aliado, e que agora cedia, vencido pela superioridade aérea, vergado pelo peso das bombas e desalojado pelas armas usadas por brasileiros.

Organização Militar e Processos de combate

Como aspectos de organização militar e dos processos de combates de maior influência sobre o comportamento dos combatentes, a pesquisa assinalou:

- alteração de técnicas e de métodos, imposta pelo emprego de material norte-americano;
- a mudança de métodos disciplinares;
- as frequentes alterações na composição das cadeias de comando;
- a assistência material e espiritual, antes, durante e após o combate, proporcionada por uma organização militar que levava em alta conta o MORAL;
- a aproximação enorme entre oficiais, especialmente subalternos e praças;
- a dependência, algumas vezes, de regulamentos e instruções escritas em inglês, por falta de tradutores, ou de um sistema de adaptação oportuna;
- a alteração nos processos de combate, que passaram a ser ajustados a uma farta disponibilidade de fogos e de armas e que exploravam não apenas a superioridade aérea, mas toda uma superioridade no potencial militar, que foi flagrante no TD da Itália. A conduta agressiva da tropa brasileira refletiu as condições favoráveis, sobrepujando os fatores adversos. Também podem ser notados outros fatores, tais como:
- a inexperiência da tropa;
- a grande extensão da frente atribuída a 1ª DIE;
- as próprias dificuldades operacionais do V Ex (tropas aliadas de diversos países, desvio de tropas mais adestradas para o sul da França).

Houve, dessa composição, uma resultante geral, que pode ser dita como a satisfatória adaptação dos combatentes à Organização Militar e aos Processos de Combate usados na Guerra. Não obstante, alguns senões ficaram identificados.

Um senão diz respeito ao interrogatório dos prisioneiros de guerra, cuja falha denota inadequada aplicação das técnicas vigentes, muito embora sua reconhecida derivação de dificuldades no uso de idiomas.

Outro senão refere-se à permanência demasiada na linha de frente, resultando em desgaste excessivo, cansaço, amolecimento e rotina.

Por outro lado, houve um emprego prematuro de tropas não experimentadas, resultados obviamente desfavoráveis à moral, à disciplina, ao espírito combativo e às demonstrações de coragem.

Nas ocasiões em que o apoio da Artilharia e da Aviação esteve ausente a tropa sentiu-se pouco protegida, prejudicada em sua combatividade.

A execução de ataque frontal sobre MONTE CASTELLO foi fator de grande abatimento moral da tropa, que recebeu pesadas sanções impostas pelo inimigo.

No que tange à Administração do Pessoal, de muito se ressentiu a tropa brasileira. Faltou recompletamento oportuno. A Justiça e a Disciplina não foram padronizadas e dependeram muito de critérios pessoais de chefes. A movimentação do pessoal foi insatisfatória.

Sistema de apoio logístico e eficiência em combate

As ações da tropa brasileira, individual e coletivamente, beneficiaram-se grandemente do sistema de apoio logístico adotado pelo Exército Americano. Esse sistema mostrou-se capacitado a superar improvisações, reajustamentos resultantes da inexperiência ou de órgãos logísticos da DIE, dando resultados práticos que muito contribuíram para a eficiência do combate e para a resistência moral dos combatentes.

As maiores dificuldades disseram respeito ao despreparo da tropa, que foi surpreendida no que tange, particularmente, a Suprimento Classe I (alimentação) e a todo um regime alimentar estranho. Os artigos Classe II (material de Intendência) e de Classe IV (material de Construção), levados do Brasil, tiveram que ser alterados ou abandonados. O suprimento de Classe III (combustíveis e lubrificantes) era farto e de pouco controle, criando reflexos pouco aconselháveis para uma guerra conduzida em condições menos favoráveis, mas favorecendo amplamente a sensação de bem-estar de muitos homens.

Salvo em algumas situações, o Suprimento Classe IV foi abundante. E o estado moral da tropa refletiu essa abundância compensadora de sua despreparação psicológica. Os transportes eram fáceis, a evacuação e a hospitalização só encontravam embaraço nos escalões inferiores, e os serviços de um modo geral foram excelentes.

A organização norte-americana proporcionou assistência em alto grau a todos os combatentes. A oportunidade e a operosidade dos serviços, a adequabilidade e a suficiência dos suprimentos produziram nos homens uma sensação de amparo e uma impressão de proteção, que a cada instante os fatos vieram a confirmar, favorecendo o bom desempenho dos combatentes brasileiros.

Uniformes e Equipamentos

O comportamento dos combatentes sofreu relativamente pouca influência dos uniformes em uso. É de se registrar que o uniforme, proveniente do Brasil, teve modificações, supressões e acréscimos ao gosto e arte de cada combatente. O equipamento, por outro lado, embora nem sempre fosse o mais aperfeiçoado, atendia as necessidades de seu emprego, servia aos objetivos propostos e era muito superior a qualquer outro já usado no Brasil. Desse

Diante dessa situação, o comandante da esquadra brasileira, almirante Tamandaré, propôs ao seu primo e comandante do exército brasileiro na área, general Manuel Marques de Sousa (foto abaixo), depois Visconde e



Conde de Porto Alegre, que prosseguisse as operações exclusivamente com tropas brasileiras, margeando o Rio Paraguai, e apoiado pela esquadra.

Em uma reunião acontecida em Tuiuti, no dia 18 de agosto de 1866, Mitre foi forçado a concordar com a proposta dos brasileiros, que com uma forte coluna, inicialmente transportada e depois apoiada pela artilharia dos navios brasileiros, tomaria Curuzu e Curupaiti.

Curuzu era uma posição situada na margem esquerda do Rio Paraguai, equipada com canhões voltados para o rio, uma trincheira com cerca de 900 metros de comprimento que corria no sentido leste-oeste, um fosso frontal com dois metros de profundidade e um parapeito de quatro metros de altura, guarnecida por cerca de 2.500 paraguaios.

A posição fora construída com a finalidade de cobrir Humaitá, ponto central do sistema defensivo de Solano López.



No dia 1º de setembro de 1866, 8.345 brasileiros desembarcaram e às 11 horas a esquadra começou a bombardear Curuzu e Curupaiti, que ficava nas proximidades, mas sem causar grandes danos.

No dia 3, após outro bombardeio, os brasileiros iniciaram o assalto a Curuzu, mas foram repelidos várias vezes com grandes perdas. A luta foi feroz, tendo George Thompson, militar inglês que organizara a engenharia do exército paraguaio, contado que “um soldado paraguaio e outro brasileiro, se arrojaram um sobre o outro, tão ferozmente, que se traspassaram simultaneamente com suas baionetas”.

Ao final do dia, a vitória foi brasileira, mas com um custo elevado: 900 homens fora de combate, contra 2.100 paraguaios. Dentre as baixas brasileiras, cerca de 50 tripulantes do couraçado Rio de Janeiro, que foi a pique depois de ser atingido por torpedos na proa e popa.

Consta que Solano López puniu os soldados de seu 10º batalhão, proveniente de Corumbá, e que tomados pelo pânico fugiram do campo de batalha. O batalhão foi perfilado e o décimo soldado de cada fileira foi fuzilado. Quanto aos oficiais, houve um sorteio, e os que perderam também foram fuzilados, e os sobreviventes rebaixados a soldados.

Quando López soube que o inimigo havia tomado Curuzu, chamou o então capitão Bernardino Caballero, ordenando que fosse imediatamente com seu regimento a Curupaiti para tentar deter o avanço dos brasileiros.

“Sucumba, se for preciso”, disse-lhe López, “mas não dê um passo atrás, que em seguida lhe alcançará o general Díaz com a infantaria, para lhe dar proteção”.

Caballero chegou a Curupaiti quando ali chegavam os primeiros grupos de derrotados, perseguidos por pequenos grupos da cavalaria brasileira – a presença de seus soldados fez os brasileiros retrocederem, pois perceberam que chegavam

Eisenhower exigiu que todos os habitantes alemães das cidades próximas fossem levados aos campos de concentração para ver a realidade dos fatos e que os civis citados fossem obrigados a enterrar os corpos dos mortos.

E depois explicou:

"Que tenhamos o máximo de documentação possível - sejam vídeos, fotografias, testemunhos - porque vai chegar um dia em que algum idiota vai se levantar e dizer que tudo isso nunca aconteceu".

Porque um dia vai aparecer algum idiota que vai se levantar e dizer que nada disso aconteceu: repetir, enquadrar e santificar essa frase. Contém o sentido da história.

Fonte: Quora.com

#####

Por que o Brasil precisa de um exército se é um país pacífico?

Gregório Faria, do Quora.com

O Brasil era um país pacífico em 1864, apesar de conflitos de fronteira (basicamente algo normal para todos os países na época), tanto que o exército nacional tinha 18.000 soldados para proteger todo o país.

Muita gente também pensava igual você "Somos um país pacífico, não precisamos de exército". Enquanto isso, no Paraguai, Solano López pensava "Não acredito, um país enorme e nem tem um exército para o defender" e, olha só, ele tinha um exército.

E adivinhe o que ele fez?



Guerra do Paraguai.

As tropas paraguaias chegaram a conquistar várias cidades do sul de Mato Grosso, capturaram o governador da província e seu gabinete (todos morreram na prisão) e,

na guerra de libertação e posterior guerra para sua captura, cerca de 50 mil soldados brasileiros e outros 10.000 civis (sim, civis são mortos quando um país invade outro).

Você quase nunca lê sobre isso, mas além de levar cidadãos brasileiros para trabalhos forçados, o que acha que aconteceu com suas esposas, mães e filhas nas mãos dos invasores?

Só então o Brasil decidiu que um exército poderia ser útil a um país pacífico. Pode notar que, depois que surgiu um exército, nunca mais invadiram o Brasil, nem tentaram, certo?

Errado. Tivemos outro caso recente.



Guerra da Lagosta

A indústria pesqueira francesa utilizava-se de uma técnica predatória para a pesca de lagosta, a pesca de arrasto. Basicamente os navios pesqueiros jogavam uma pesada corrente de metal no oceano que ia até o solo, destruindo os habitats submarinos. Depois de pescar tudo que havia na França, os pesqueiros desceram a costa da África, arrasando tudo que havia lá e destruindo por décadas (não sabemos se até hoje) a pequena indústria pesqueira dos países africanos. Quando destruíram tudo e pescaram toda a fauna aquática africana, passou a faltar lagosta. E você sabe, quando falta lagosta, o preço aumenta. E sabe onde ainda havia muita lagosta? Duvido que adivinhe.

Pois é, vieram aqui para o Brasil e nossa costa que não servia para nada, só uns barquinhos de pesca de madeira (jangadas), era muita lagosta sendo desperdiçada com esse povo do terceiro mundo. Os pesqueiros franceses mostrariam a esse povinho como pescar.

Como eu disse, o modelo de pesca por arrasto destrói a fauna marítima e quando o governo do Brasil pediu educadamente para a França não vir pescar nas águas nacionais, a França achou que o Brasil era como os países africanos e ignorou.

Novo Membro-Efetivo da AHIMTB/RS



Integramos, na última reunião da AHIMTB/RS, ao Quadro Social, o Capitão da Brigada Militar do Rio Grande do Sul Yury Vieira Tupynambá de Lelis Mendes.

O Cap Tupynambá é mineiro de Montes Claros e pertence à Turma de 2022 da Academia de Polícia Militar do RS.

Fez graduação em Direito (2015) na Universidade Estadual de Montes Claros, em Ciência Militares com ênfase em Defesa Social (2022) na Academia de Polícia Militar do Rio Grande do Sul e em Ciência Política (2023) na Universidade de Uberaba.

A sua dissertação de mestrado foi: "Do Bacharelismo ao Ativismo judicial: continuidade e rupturas após a Assembleia Nacional Constituinte de 1987/1988".

O mestrado foi em História Política (2019) pela Universidade Estadual de Montes Claros.

Quanto ao doutorado, ele está cursando Ciência Política (UFRGS), na linha de pesquisa em "Política Internacional e estudos de defesa", sob a orientação do Prof. Paulo Visentini.

A tese de doutorado será sobre o papel da Polícia Militar na fronteira entre o campo da justiça (campo jurídico) e o campo da defesa (campo militar).

O Cap Tupynambá foi indicado pelo Acadêmico Dr. Paulo Visentini.

E-mail: yurytupynamba.adv@hotmail.com

Seja bem-vindo Cap Tupynambá. Esperamos que você contribua com bons textos para o nosso Informativo O Tuiuti.

%%%

O VERDADEIRO BANDEIRANTE

Do autor Pereira Batista, do IGHMB

Nota do Editor: este excelente texto, embora resumido, faz justiça à atuação dos ameríndios brasileiros junto às Entradas e Bandeiras.

A verdade é que o português recém-vindo ou o paulista recém-nato de sangue índio, não podiam ter o instinto da direção, necessário para meter-se no Caeté, no Mato Grande e no campo desconhecido. A verdade é que a bússola, o mapa, o olho dessas expedições era o próprio índio, o índio bandeirante. Sem ele que, pela orientação dos ramos de certas árvores conhecia os pontos cardeais;

